

## Aspectos Culturais e Identitários nas Músicas de Intervenção Cabo-Verdiana

Ludmila Jones Arruda  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
ludmila\_jones@yahoo.com

### Resumo

Inserido nos estudos de Lusofonia, o presente trabalho pretende analisar alguns aspectos presentes na música de intervenção de Cabo Verde compostas entre 1935-1975, período em que compreende o Estado Novo em Portugal. O retrospecto da colonização portuguesa e as condições impostas às colônias nesse período resultaram na luta dos povos africanos pela independência. Com o intento de reafirmar a sua identidade, Cabo Verde, espaço escolhido para o presente estudo, revela em suas produções culturais e literárias valores que mais o caracterizam – tais como a mestiçagem e a questão linguística – elevando o que é africano e o que de fato faz parte da vida do cabo-verdiano. É importante salientar, que muitas dessas canções de protesto só chegaram ao conhecimento do público após a Revolução dos Cravos, ocorrida em abril de 1974, devido à censura imposta pelo governo salazarista. Ainda nesse período, na última fase da colonização portuguesa, por razões várias, como a fome, a seca e a falta de trabalho, o povo cabo-verdiano foi obrigado a emigrar em busca de melhores condições de vida. Com base nos dados de António Carreira (1984), Gabriel Fernandes (2002; 2006) e Leila Hernandez (2002), pretende-se discutir os principais motivos e os destinos procurados pelos ilhéus nessa fase, para que se possa, a partir dos conceitos de identidade e os aspectos históricos vividos no país nessa fase, compreender a letra e o tema das canções de intervenção contidas no CD “Música de Intervenção Cabo-Verdiana”, lançada em 1999. Pretende-se, ainda, por meio das canções *Cêu di S. Tomé* e *Nhô Kéitone*, presentes no CD em questão, mostrar como estes fatos históricos estão presentes nas manifestações culturais do povo. Ressalta-se que a música de Cabo Verde é mundialmente conhecida tornando-se um dos aspectos culturais mais valorizados do país.

**Palavras-chave:** Cabo Verde, diáspora, identidade, música de intervenção.

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo destacar aspectos identitários e culturais presentes nas músicas de protesto surgidas em Cabo Verde – ex-colônia portuguesa – durante o período da ditadura salazarista em Portugal. Devido à censura imposta pelo governo português, muitas formas de manifestação cultural que criticavam o governo eram proibidas de circularem livremente e todos os jornais e veículos de comunicação passavam pela PIDE antes de serem publicadas. Com isso, muitos jornalistas, músicos, poetas foram presos por falarem aquilo que não era permitido durante a ditadura – porque criticavam o governo e as obras que eram feitas por ele. Nas duas músicas a serem analisadas, encontramos críticas ao governo português por revelarem fatos que não condiziam com a realidade, distorcendo a visão para manipular o povo. Foi à época de 1935 até 1974 que certas músicas presentes no CD a ser analisado foram compostas, mas só chegaram a ser públicas após a queda da ditadura.

O CD chama-se de Música de Intervenção Cabo-verdiana e foi compilada por Alberto Rui Machado – presidente da “*Associação Caboverdeana*” e residente em Portugal. O disco faz parte de uma coletânea de cinco CDs, cada um com uma temática diferente da outra, sendo a seguinte ordem: Música de Intervenção Cabo-Verdiana; Lisboa nos cantares cabo-verdianos; Cabo Verde Canta CPLP; Evocação de Amílcar Cabral e Cânticos Crioulos ao Mar. Foram lançados em 1999 e para que os CDs pudessem ter um âmbito mundial, o autor traduziu algumas das músicas para o inglês e todas para o português visto que as músicas são cantadas em crioulo cabo-verdiano – lembrando que Cabo Verde tem como língua oficial a língua portuguesa, porém, sua língua para comunicação entre a família, amigos e em situação não consideradas formais, o povo fala a língua cabo-verdiana – um crioulo que mistura a língua portuguesa com línguas africanas.

O CD contém dezesseis canções de protesto que surgiram durante a época colonial e nelas estão retratadas as lutas do povo contra o regime e há também nas canções personagens históricos que fizeram parte dessa época. Dentre os mais importantes, ressaltam Hitler (Alemanha), Mussolini (Itália), Amílcar Cabral (Cabo Verde), Humberto Delgado, Salazar e Marcelo Caetano (Portugal) e Xanana Gusmão (Timor-Leste). As músicas escolhidas para a presente pesquisa são *Nhô Kéitone* e *Cêu di S. Tomé* por falarem diretamente sobre Cabo Verde e os principais problemas enfrentados pelo país. Para se compreender as músicas deste disco, é importante que se faça um breve panorama histórico sobre o país, para facilitar a leitura das músicas.

## 1. ASPECTOS DE CABO VERDE

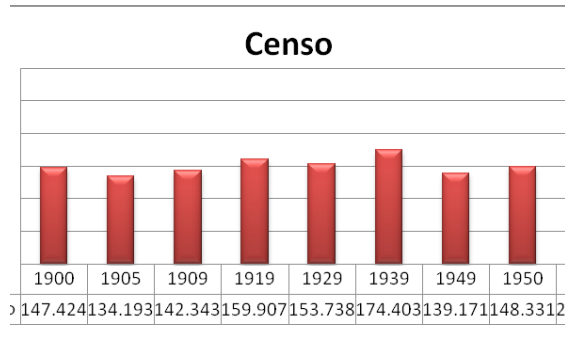
Cabo Verde está localizado a 455 quilômetros da costa ocidental da África, e possui dez ilhas divididas em dois grupos: o de Sotavento (Ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava); e o de Barlavento (ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (desabitada), São Nicolau, Sal e Boa Vista. (CARREIRA, 1984). A população total do país é de aproximadamente 491.683 habitantes de acordo com o último censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística em 2010 (INE, 2010), sendo 303.673 pessoas que vivem na área urbana e 188.010 na área rural.

O país, ocupado pelos portugueses em 1492, servia como um local de estratégia para a ocupação de escravos que saíam de outros lugares da África para se estabelecerem no Brasil. A dominação portuguesa no país se estendeu até 1975, um ano após a Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal. Antes dessa revolução, Portugal atravessou um período longo e intenso de ditadura, que foi crucial para que os países dominados pelos portugueses lutassem pela sua libertação e contra o governo português. O período da Ditadura Salazarista foi marcado, também, pela rigorosa censura imposta pelo governo, e com isso os povos não tinham voz e nem direito de opinar ou argumentar sobre a situação em que eles viviam.

Em Cabo Verde, o quadro era caótico: o clima árido do local prejudicava uma das principais atividades que serviam como grande fonte de renda do país, a agricultura. O período de chuva em Cabo Verde começa em julho e termina em outubro, e as chuvas não são constantes; nos outros meses, de dezembro a junho, o período é de seca, como pontua Andrade (1998): “Distinguem-se duas estações durante o ano: o ‘tempo das brisas’ ou estação seca, de Dezembro a Junho, e o ‘tempo das águas’, ou estação das chuvas, de Agosto a Outubro, muito irregular, pois é frequente a escassez ou falta de chuvas [...]” (Andrade, 1998: 22). Além da seca, Cabo Verde está numa região muito propensa a lestadadas (ventos provenientes do Leste, também conhecido como harmatão) vindas do deserto de Saara, que colabora para o clima seco da região. Esses ventos são secos e quentes e correm numa direção do leste a oeste (do Saara até a parte oeste da África). Assim, com a falta de chuvas e o prejuízo que esse clima trazia para o país, muitos cabo-verdianos, sem uma vida que pudesse lhes trazer conforto ou estabilidade, sentiam a necessidade de sair de seu país em busca de melhores condições de vida. Com esse quadro, Cabo Verde sofreu bastante com a fome, que ceifou milhares de pessoas em algumas épocas do século XX, segundo o estudo de Carreira (1984): em 1940 cerca de 30 mil cabo-verdianos morreram devido, principalmente, à falta de chuva e de comida. Esse problema em relação ao clima, ao trabalho e, conseqüentemente, à alimentação

pressionou a emigração dos cabo-verdianos na busca de trabalho para que pudessem sobreviver e ajudar os familiares. Para que possamos ter noção da quantidade de cabo-verdianos que viviam em Cabo Verde no início do século, segue a tabela organizada com base nos dados encontrados em Carreira (1984: 15):

Quadro nº 1: Dados dos censos realizados em Cabo Verde entre 1900 e 1970 (1984)



Fonte: CARREIRA. (1984) *Cabo Verde (Aspectos sociais, secas e fomes do século XX)*. Lisboa/Cabo Verde: Ulmeiro, p. 15.

A explicação para a queda do número de habitantes entre 1900 – 1905; 1919 – 1929 e, ainda, entre 1939 – 1949, pode ser explicada, principalmente, pelo alto número de mortes devido à fome que matou muitos habitantes do local nesses períodos. Segundo Carreira (1984), houve 14.480 mortes pela fome entre 1903 e 1904; 5.192 em 1919 e 1920; 17.575 em 1921; 24.463 entre 1941 e 1943 e 20.813 em 1947 e 1948. Com essa quantidade, pode-se estimar que morreram ao longo desses anos, aproximadamente, 82.523 cabo-verdianos por conta da fome – o que, considerando-se o número de habitantes, é um número expressivo (Carreira, 1984: 16).

Sabe-se que o problema da fome enfrentado pela população cabo-verdiana não era uma questão desconhecida pelo governo português. Henrique Galvão, Inspetor da Administração Colonial nomeado por Salazar foi mandado para as colônias ultramarinas com o intuito de registrar os acontecimentos nesses lugares, e mencionou em uma de suas viagens às colônias os problemas enfrentados pela população nessas regiões. Contudo, Salazar não estava interessado em fazer tais mudanças e sua intenção era apenas exaltar as coisas boas e ricas existentes nesses espaços para mostrar que o governo português era o responsável por tais benefícios. Alguns relatórios de Henrique Galvão foram confiscados pela censura do governo português por apresentarem detalhes que poderiam contradizer os discursos de Salazar. Segue um trecho de um relato sobre o que foi visto por Henrique Galvão enquanto visitava Cabo Verde durante a viagem que fez às colônias ultramarinas:

Em Cabo Verde agoniza uma população inteira e mantém-se um regime de terras medievais. Será preciso recordar-te que me enviaste especialmente a Cabo Verde para acudir uma crise de fome que já havia ceifado um quinto da população e para estudar o conjunto de medidas tendentes a evitar crises futuras? Que estudei, que informei, que propus – e que meus relatórios e instâncias foram sepultados com todas as honras nos arquivos confidenciais do ministério? (Galvão, 2010: 82)

Sem medidas que pudessem trazer melhorias para a população, o povo sentiu-se obrigado a sair de lá:

Fatores naturais (pobreza do meio, ciclos de seca), factos induzidos do exterior (pestes e ataques devastadores de corsários) e um elevado índice de natalidade serão as principais causas desta realidade que ele reparte pelos itens centrifugadores “emigração espontânea”, “emigração forçada”, “emigração clandestina” e centripeto “emigração (e retornos). (Carvalho, 2006: 19-20).

Para que o povo cabo-verdiano pudesse ter uma vida que trouxesse algum conforto ou possibilidade de mudança para sua família era a emigração. No país, a diáspora é um fator que ocorre principalmente a partir do século XX: “O que se busca, tanto nos deslocamentos interilhas como para outros continentes, é a possibilidade de alterar uma situação que se mostra permanente e inviável” (Hernandez, 2002: 104). Dessa forma, percebe-se que a emigração do povo, nessa situação não era algo voluntário, e sim, forçado, pois nesse caso fazia parte da sobrevivência do cidadão. Há, na história deste país, alguns períodos em que a emigração foi mais intensa: a primeira, entre 1900-1920, foi a fase em que muitos cabo-verdianos viajaram para os Estados Unidos; a segunda, entre 1927- 1945 – houve a alternância entre alguns países da África (Angola, Senegal) e da América Latina (Brasil, Argentina e Uruguai); a terceira e última etapa ocorreu 1946-1973, e foi a mais intensa por ter maior evasão devido ao término da segunda guerra mundial e à fome e à seca que levaram milhares de cabo-verdianos à morte, e o destino mais procurado foi a Europa. Segue o quadro com mais detalhes sobre a diáspora cabo-verdiana, elaborado com base em Carreira (1984):

Quadro nº 2: Diáspora em Cabo Verde (1984)

DIÁSPORA CABO-VERDIANA			
	1900 – 1920	1927 - 1945	1946 - 1952
Estados Unidos	18.629	1.408	538
Brasil, Uruguai, Chile e Argentina	1.968	1.203	86
Guiné	2.247	1.197	901
São Tomé e Príncipe	1.532	133	2
Angola e Moçambique	366	352	6
Lisboa	1.232	3.336	3.933

Fonte: CARREIRA. (1984). *Cabo Verde (Aspectos sociais, secas e fomes do século XX)*. Lisboa/Cabo Verde: Ulmeiro.

O total de emigrantes nessas épocas, de uma maneira geral, além dos lugares listados, são: entre 1900-1920 são 18.629 que saíram de Cabo Verde; entre 1927-1945 saíram 10.120; entre 1946-1952, 6.804; e na última fase, entre 1953-1973, dois anos antes de independência foram 135.289 cabo-verdianos, a maior evasão do século.

Vale lembrar que Carreira (1984) mostra dois diferentes conceitos de “emigração”, a “emigração espontânea” e a “emigração forçada”. Entende-se por ‘espontânea “toda a corrente emigratória livre de quaisquer alienações, ‘peias ou incidentes deixados à exclusiva iniciativa particular” (1984: 160), e por ‘forçada’ toda a que se processa em consequência da ruptura do equilíbrio produção/população, ruptura essa provocada por secas, fomes, mortandades ou pressão demográfica e de que os governos se aproveitaram para incentivar e encaminhar, por meio de medidas legislativas ou processos administrativos, a saída da população com o objectivo deliberado de proporcionar mão-de-obra abundante e a baixo salário às organizações agrícolas e industriais do tipo capitalista da região tropical ou equatorial. (Carreira, 1984: 161)

Ressalta-se que, a quantidade de cabo-verdianos que vive no arquipélago é menor do que a quantidade que está fora de seu país: estima-se que haja, pelo menos, o dobro de cabo-verdianos fora de Cabo Verde (especialmente nos Estados Unidos). Um censo feito 1980 confirmou que cerca de 700 mil cabo-verdianos viviam no exterior e a metade vivia no arquipélago (Hernandez, 2002: 106). A partir das informações acima, observa-se que a localização, fome, seca e diáspora são aspectos que fazem parte da história do povo cabo-verdiano. Nas produções literárias de Cabo Verde é marcante a preocupação com esses aspectos citados acima, como a falta de alimentação adequada, a emigração, e o clima árido no país.

Sabe-se que um povo se identifica pelo país que nasce, pela comunidade em que vive, pois faz parte de um grupo que compartilha uma mesma cultura e um mesmo passado histórico e essas características são marcantes para a construção de uma identidade de uma nação. Uma nação é conhecida e caracterizada por seus costumes, cultura, língua, hábitos, crenças, etc. e a identidade nacional pode ser “definida por memórias e mitos compartilhados, e símbolos e valores em comum” (Smith, 1991:21 – tradução nossa).

## 2. MÚSICA DE CABO VERDE

As duas músicas escolhidas para serem analisadas no presente trabalho foram criadas durante o período ditatorial português, porém só divulgadas após a independência por serem censuradas pelo governo. A primeira delas, “*Nhô Keitône*” (*Senhor Caetano*), diz respeito à substituição de Salazar por Marcelo Caetano, 1968, por motivo de saúde (Salazar veio a falecer em 1970). Caetano, após assumir o governo, visitou – inesperadamente – as colônias ultramarinas, assim como está na letra a seguir:

O Sr. Caetano  
Apareceu caminhando  
Com os dentes à mostra  
A acenar-nos  
Ele quer (vir) convencer o povo  
Que a fome desta vez vai acabar [1]  
Desde o tempo da miséria  
Estamos fartos das suas cantigas [2]  
Muita gente já morreu  
Outros saíram, foram pra S. Tomé, [3]

E os que cá ficaram  
Estão a morrer em pé.  
Como dizia o Sr. Djunga  
Para uma mão de milho há cem perús [4]  
Sr. Caetano  
Vá-se embora daqui [5]  
E leve-os a todos  
Porque aqueles que ficarem  
Vamos enviá-los para o cemitério.

Interessante verificar como o autor do *CD* colocou no encarte, ao falar dessa canção: “Marcelo Caetano tentou usar o seu charme para conquistar os povos das colônias. Talvez para mostrar que era diferente de Salazar,

o qual vivera encerrado em seu gabinete, fez uma viagem relâmpago a Cabo Verde.”. Com essa passagem, ressalta-se que Salazar jamais visitou uma colônia ultramarina, e Caetano, por sua vez, quis mostrar-se diferente de Salazar, para passar uma impressão de que estaria mais preocupado com a situação das colônias ultramarinas e, talvez, interessado em fazer algo para mudar a situação do povo. Os cabo-verdianos não sabiam da visita de Marcelo Caetano, pois “foi rodeada de tantos secretismos que só se teve conhecimento dela, quando Marcelo Caetano já se encontrava na Ilha do Sal” [uma das ilhas de Cabo Verde]. A canção mostra a insatisfação do povo ao ver que essas visitas não provocam mudanças nos resultados e eles já estavam exaustos de tantas promessas não cumpridas e da situação que o país se encontrava. A fome parecia não ter solução, e é justamente essa questão que a música traz, e ainda menciona o fato da diáspora devido à impossibilidade de viver nessas condições.

Com uma letra enfática e intensa, interpretada por *Nhô Balta*, não deixa dúvidas quanto à gravidade da situação vivida pelo cabo-verdiano na época de 1970. A nação, que já tinha vivido décadas em situação de miséria, sendo, muitas vezes, forçada a deixar o país, estava farta de viver sem mudanças. O intérprete dessa canção, *Nhô Balta*, é um dos cabo-verdianos diasporizados, morando atualmente nos Estados Unidos.

São essas especificidades de Cabo Verde que, sempre presentes na música, vão transformando a identidade nacional. Na letra, vemos o povo lutando contra a presença de Caetano [5], pois o viam como uma figura que aparentemente teria o poder de trazer melhorias para o país e fazer a fome acabar [1] e [4] – porém, com as experiências passadas todas em vão, o povo entende que de nada adianta a visita dele. Via-o na posição de *colonizador*, “superior” ao colonizado mas também sentia o descaso e a hipocrisia do colonizador ao querer mostrar que a situação do país mudaria [2]. O fato de a canção mostrar bem esse desprezo observado pelo cabo-verdiano, apresenta a intenção do povo de mostrar a sua voz, e a de não aceitar passivamente as condições impostas pelo colonizador. A canção aponta também a “decisão” do povo de emigrar (ou, obrigação, já que poderia ser considerada uma emigração forçada) e construir a sua vida em outro lugar, como por exemplo, São Tomé, relatado na canção. E o fato de uma pessoa sair de um país devido às condições adversas do local, expõe que esteja indo contra a sua vontade, o chamado “querer-ficar-e-ter-de-partir” [3], expressão recorrente em textos literários cabo-verdianos. Com o número expressivo de cabo-verdianos que emigraram, vemos como a diáspora faz parte da história do país e está presente também nas manifestações artísticas.

A segunda canção é ‘*Céu Di S. Tomé*’, uma música



que mostra a realidade da “emigração forçada”. São Tomé era o destino bastante procurado pelos cabo-verdianos, e eles buscavam, nessas saídas, melhores condições de vida, e muitas vezes, deixavam o restante da família em Cabo Verde, com a esperança de que voltariam para buscá-los ou talvez, mais tarde, o país pudesse melhorar para que eles conseguissem viver dias melhores. Segue a letra:

Oh mar, Oh mar, Oh, mar  
Leva os meus filhos de  
mansinho [1]  
Oh Céu de S. Tomé  
Cobre-os com todo carinho

Hoje a nossa terra não tem nada [2]  
Mas amanhã ela terá [3]

Oh, Céu de S. Tomé

Cobre-os com todo carinho  
Oh mar, oh mar  
Trá-los outra vez de mansinho

Essa saudade, essa lágrima  
Que eles levam na barriga inchada  
Deus limpá-la-á um dia  
Que é para todos nós sorrirmos [4]

Mesmo com a situação sempre desfavorável para o país, como se vê na composição, o povo expunha esperança, embora carregada de tristeza devido à fome, à falta de emprego e à falta de uma vida estável que pudesse trazer conforto aos cidadãos que viviam no país.

Vale destacar que a indignação dos cabo-verdianos não é para com o povo português, como enfatiza o autor do encarte; eles lutam contra um regime colonial, e não contra um povo. Os cabo-verdianos ansiavam por uma mudança radical, que lhes trouxesse uma vida digna, sem miséria, pobreza ou falta de trabalho. Com a colonização, eles imaginavam que os portugueses eram os únicos que poderiam ajudá-los a construir uma vida melhor, porém, como a história revela, o Salazarismo tinha outras pretensões, outros objetivos.

A canção destaca a diáspora e a tristeza das famílias que nada podiam fazer diante da situação apresentada [1] e [2]; revela, também, a tristeza pela saída dos familiares com destino a São Tomé. A canção mostra certa esperança de uma vida melhor, com algum conforto e estabilidade, sem a necessidade da emigração [3]. Vemos na canção

a esperança de que um dia, os emigrantes pudessem voltar e viver dignamente em seu próprio país [4]. Essa reiteração de que uma vida melhor estaria por vir, se faz presente recorrentemente nas composições cabo-verdianas, acreditando que a independência da nação proporcionaria dias melhores.

## CONCLUSÃO

Destaca-se que das dezesseis músicas existentes no CD, quatro delas falam abertamente sobre a condição de vida dos ilhéus, como podemos ressaltar, a fome, a seca, a miséria e a falta de trabalho – e não somente as duas mostradas na pesquisa. No presente trabalho, verificou-se também a importância que o cabo-verdiano atribuiu à música, especialmente a morna, gênero musical considerado típico e simbólico no contexto da música cabo-verdiana e o mais frequente na antologia musical escolhida para análise. Considera-se portanto, a morna, como um traço importante na construção identitária deste país, uma vez que por meio dela são reveladas as emoções, os sentimentos e a indignação de um povo sofrido diante de diversos entraves advindos do processo colonizatório. Foi a música cabo-verdiana um dos meios que possibilitou que o mundo efetivamente conhecesse algumas especificidades marcantes do povo, como a saudade e a esperança – constantemente refletidas nas composições e nas melodias predominantemente “lentas” e melancólicas da morna.

Verificou-se, ainda, que a expressão musical auxiliou no processo de emancipação cabo-verdiana e alimentou a liberdade de expressão dos seus ideais, como assinala o escritor cabo-verdiano Ovídio Martins: “Os nossos violões sonham. O que dizem, leva-o o vento. E o vento ninguém pode parar. [...] E o povo chora, o violão sonha e o tocador toca. E choro e sonho e música é canto. E canto, na hora própria é grito. E grito é libertação.” (Martins, 1983: 8-9).

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Andrade, E. (1998). Do Mito a História. In: VEIGA, Manuel (coord). *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*. Paris: Karthala, p. 17-32.
- Carreira, A. (1984). *Cabo Verde (Aspectos sociais, secas e fomes do século XX)*. Lisboa/Cabo Verde: Ulmeiro.
- Carvalho, A. (2006). Sobre diáspora e emigração cabo-verdianas. In: *Via Atlântica*. São Paulo: USP. n° 10, p. 11-31.
- Galvão, H. (2010). *Carta Aberta a Salazar*. Lisboa: Esfera do Caos.
- Hernandez, L.L. (2002). *Os Filhos da Terra do Sol – A formação do Estado-nação em Cabo Verde*. São Paulo: Summus.
- Instituto Nacional de Estatística. (2010). *Censo Demográfico (população e condições de vida)*. <http://www.ine.cv/dadostats/dados.aspx?d=1>. (Acedido a 1 de setembro de 2013).
- Machado, A. R. (1999). *Música de Intervenção Cabo-Verdiana: A História da Luta de Independência de Cabo Verde Contada em Música*. Disco Compacto. CD – 101/03. Lisboa: Sons d'África.
- Martins, O. (1983). *Independência*. Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro.
- Smith, A. (1991). *National Identity*. New York: Penguin.